

SENSIBILIDADES IMAGÉTICAS NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE BARAÚNA – PB

Janielly Souza dos Santos*

Quando nos propomos a pensar como uma sociedade foi construída a partir de uma dada espacialidade e temporalidade, procuramos documentos escritos e/ou orais que nos possibilite viajar pela história desta sociedade, que muitas vezes não é mais a que vivemos. Neste trabalho incessante, começamos a construir, pelas descrições orais e/ou pelas investigações a partir de documentos escritos, imagens de como seria viver nesta sociedade.

É neste caminho que quando nos encontramos com fotografias da época estudada, nos entusiasmos por podermos nos deleitar com uma história que se torna também visual. Isso foi o que sentimos quando nos propomos a refletir a história de Baraúna – PB nas décadas de 50 e 60 do século XX. A partir de fotografias de álbuns de família nos debruçamos sobre a história de Baraúna, principalmente no que concerne a pensar eventos religiosos, cívicos e festivos que carregavam todo um jogo de significados diante da sociedade que se construía cotidianamente.

No que concerne à construção das Braúnas/Baraúnas, convém notar que esta não foi somente em termos estruturais do fazer casas/prédios, mas também em termos de laços de solidariedade, divertimentos entre outros jogos do fazer cotidiano que envolvia as sensibilidades do convívio e das sociabilidades. Neste campo de ação a capela foi um espaço propício aos relacionamentos entre os sujeitos de forma a construir sociabilidades e identidades.

Sociabilidades no momento em que há comunicação, trocas, reciprocidade nas conversas, nos olhares; atividades desenvolvidas entre pessoas que provocam efeitos do sensível nos outros, e em si; pessoas que estabelecem conexão nas redes de amizades, vizinhança e parentesco. Identidades no momento que este lugar sagrado, a partir das pessoas que o praticavam, interferia direta e indiretamente no cotidiano das pessoas, ditando normas e regras comportamentais.

No fazer do jogo das sensibilidades religiosas e das sociabilidades, o trabalhador do roçado, da casa, do comércio deveria encontrar tempo para ir/vir à missa ou a novena ficar mais perto de Deus, e também dos homens. Nestes cruzamentos de pessoas, as sensibilidades

* Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Professora de História da rede pública de ensino. E-mail: janiellysouza@yahoo.com.br

religiosas partilhadas ajudam na produção das sociabilidades, da própria sociedade que se ser construir.

Deste modo, convém pensar que as vestimentas eram importantes na habitação do espaço da capela. As pessoas gostavam de andar o mais alinhado possível quando iam à missa ou a algum evento no Povoado das Braúnas/Distrito de Baraúnas, principalmente moças e rapazes deveriam mostrar-se impecáveis junto à celebração eucarística, que poderia agrupar ainda um batizado, uma primeira comunhão, a crisma, um casamento, sociabilidades capazes de produzir jogo de olhares, que causariam encantamento entre jovens; e quem sabe dali não surgiria um princípio de namoro.

Deste modo, as vestimentas deveriam ser produzidas com cuidado. E não somente os jovens, que estavam em busca de namoro e/ou casamento, realizavam ‘um desfile de moda’. A roupa representaria muito mais junto a Igreja e à sociedade, principalmente no que se refere ao corte de certo do modelo escolhido. Os códigos sociais, neste âmbito, instituíam o que era permitido e o que era proibido no modelo feminino principalmente.

Observemos, por exemplo, como poderiam/deveriam vestir-se os meninos e meninas que viriam fazer a primeira comunhão, a partir da fotografia adiante elencada, lembrando ainda junto à Carvalho e Lima (2009, p.49) que, “O retratar-se é uma prática cultural que integra uma rede de comunicação e atua, como tantos outros processos, na regulação da sociedade”.



Imagem 1: Primeira Comunhão realizada na Capela de Nossa Senhora do Desterro nas Braúnas/Baraúnas
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)¹



Nesta fotografia podemos perceber as vestimentas como parte da regulamentação da sociedade em termos de gêneros. A menina vestia-se com um vestido similar a um vestido de noiva, completado ainda o traje com o arranjo ou coroa na cabeça, também chamada de capela. O menino também era formal, podendo usar calça comprida, ou calça curta como no caso deste da fotografia. Neste sentido, a senhora Otília Mariano da Silva Souza (71 anos) nos informa:

Zé Mariano era pegado com eu demais. Eu mais Zé Mariano fizemos a primeira comunhão [...] Ele trajadinho de noivo e eu trajadinha de noiva [...] Capela, véu, capela, e ele todo trajadinho de manga comprida. Era bonitim demais. [...] Eu fiz a primeira comunhão, graças a Deus, era tanto menino. [...] Há, lá eu usava vestido comprido, manga comprida, e de capela, capelona alta, era daquelas alta, num era dessas coroinha não, era capela mesmo. [...] Eu ia tirar um retrato aí Maria num deixou. Num deixou não, porque disse que num tinha dinheiro, pai era pobre não tinha dinheiro pra pagá. Eu trajadinha de noiva.

Neste conjunto, a narrativa acima e a fotografia anterior nos remete a outro ritual de passagem na vida das pessoas, sob custódia da Igreja Católica, o casamento. No caso da menina, vestir-se como uma pequena noiva, ‘uma noivinha’, ser agraciada pela emoção de estar ali no altar, colocava a necessidade familiar dela vir anos mais tarde para efetivar seu casamento perante a família e a sociedade. Além disso, a vestimenta feminina representada na fotografia, também nos remete a condição de pureza. Usar vestido branco ao casar, era declarar-se virgem e pura perante a sociedade. Na Primeira Comunhão era necessário se colocar como pura(o) para estar mais perto de Deus, comungar com Deus.

O depoimento da senhora Otília Mariano, citado anteriormente, possibilita-nos pensar que a fotografia não se colocava como acessível a todas as pessoas. Aqueles que não tinham recursos financeiros, por mais que desejassem não podiam tê-la. O que nos coloca diante da percepção que Zé Lourenço e Socorro, sua esposa, tinham condições financeiras para produção de álbuns de família, que nos foram disponibilizados, e servem à construção de nossa dissertação.

Diferente do que aconteceu com a senhora Otília Mariano que, durante a narrativa, ao falar desta fotografia que não pode existir, devido à falta de recursos financeiros, lacrimejou. Naquele momento, a imagem dela preparada para primeira comunhão, trajada de noiva (noivinha) juntamente com seu irmão, chegou-lhes à memória. Somente ela tem esse momento guardado junto a suas memórias.

No espaço sagrado configurado na capela, além das missas, que incluíam os batizados, a Primeira Comunhão, a crisma, o casamento também se colocava como momento

propício a construção de sensibilidades imagéticas pelo uso da fotografia, isso quando a família possuía condições financeiras e quando se tinha um retratista por perto.

Nisso, é importante observar com Severino Passos (88 anos), que o ritual do casamento comum às décadas de 1950 e 1960 na comunidade das Braúnas/Baraúnas e nos sítios circunvizinhos, realizava-se da seguinte forma: “Ia lá pra os pés do padre. O padrinho trazia a noiva, o cabra passava a mão nela, ia lá pro pés do padre. Aquele negócio de beijar, essa coisa assim, não. Num existia isso naquele tempo não.”

O beijo na boca, assim como durante o namoro, não era evidenciado na cerimônia do casamento, nem tão pouco em público nas décadas 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas. De acordo as normas de conduta da sociedade, não era permitido o desfrute, pois além de expor a si, estava expondo as outras moças e rapazes a comportamentos não interessantes à comunidade. Como a honra da família, principalmente do pai, dependia da honra da moça, esta era bem mais vigiada do que os homens, não somente pela família, mas por toda a sociedade. Com Bassanezi (2004, p.613) observamos que, “O código de moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, o vizinhos, os amigos e amigas [...] A moralidade defendia a boa família, ou melhor, o modelo dominante de família.”

Casar pura, virgem, de vestido branco, véu e grinalda, era o objetivo da família, e da moça que não quisesse correr o risco de ser alvo de fofocas e burburinhos durante bastante tempo na comunidade e entre os conhecidos. Neste conjunto, além do noivo a caráter, de paletó e gravata, a dama de honra era primordial a todo casamento, como vemos na fotografia a seguir:



Imagem 2: Casamento realizado na Capela de Nossa Senhora do Desterro nas Braúnas/Baraúnas
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968).

Nos meandros da constituição das identidades, necessita-se perceber que elas são históricas e produzidas a partir de discursos colocados na constituição do espaço. Dessa forma, assim como nos coloca Hall (2000, p.109):

É precisamente porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

A sociedade das Braúnas/Baraúnas, e sítios circunvizinhos, na temporalidade aqui estudada, propôs-se como lugar histórico interessante a propagação de identidades que estavam diretamente relacionadas a instituição Católica, principalmente no que diz respeito ao casamento. Neste campo de ação, a capela faz parte de toda uma rede de significados que acabaram por contribuir diretamente na constituição do espaço das Braúnas/Baraúnas.

A consolidação do povoado, enquanto Distrito de Baraúnas, ligado a Picuí, veio no momento em que a população crescente passava a perceber a importância de prédios e instituições públicas que sanassem suas necessidades cotidianas. A partir deste momento histórico, marcado junto ao caminho de construção do município, entra em cena no núcleo de povoamento prédios públicos e, mais adiante alguns aparatos da chamada modernidade, ícones não tão modernos quanto os que estavam adentrando as portas de outras cidades do estado e do país, mas que para o local se configuraram em interessantes.

Um espaço para educar as crianças que habitavam a comunidade, e sítios circunvizinhos, e aquelas que ainda iriam nascer era primordial. Neste campo de ação, optamos por nos colocar sobre a atuação do grupo escolar no Distrito de Baraúnas, no momento em que a partir dele se colocara um evento considerado importante junto à comunidade.

Criada pelo Decreto 2084 – 12/08/60, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental de Baraúna, na década de 1960, Grupo Escolar Professor Muribeca². Esta instituição escolar veio contribuir com a comunidade a partir do momento que ajudara na educação de muitas crianças; quando antes muitas famílias não tinham condições de pagar um professor para seus filhos, com o grupo escolar o sonho de aprender a ler e a escrever tornou-se mais acessível. Neste âmbito, é ainda interessante notar que muitas crianças continuaram a margem da educação escolar, no instante em que muitos pais não deixaram seus filhos estudar pela distância e/ou pela necessidade deles trabalharem no roçado.

Uma das primeiras professoras, de acordo com Socorro de Zé Lourenço, também se chamava Socorro, Maria do Socorro Assunção. No ano de 1968, Anísia Azevedo de Farias (68 anos) também ensinou no grupo. Depois de um período de afastamento, esta última, voltou a lecionar no referido espaço até o ano de sua aposentadoria como professora pelo Estado da Paraíba.

Sobre as experiências que teve como professora no final da década de 1960 considera: “[...] na escola do Estado, num tinha carteira, num tinha quadro, era agente ditava, era um quadrinho bem pequenininho, escrevia com giz, pouca coisa, num dava tempo, pra esperar ainda que eles copiasse, tão atrasado.” É interessante perceber que apesar da situação precária do ensino no grupo em termos estruturais, representava um grande avanço na época em termos de acesso a Educação. O que podemos notar a partir da fotografia destacada adiante, pela quantidade de alunos junto ao grupo escolar.

Antes de olharmos atentos para a fotografia, devemos refletir que assim como muitas memórias, esta fotografia foi danificada pela atuação do tempo. Neste caso, acreditamos que a mulher da esquerda que não vemos o rosto é Socorro de Zé Lourenço, por informação gerada por ela mesma a partir do depoimento/entrevista concedida. Para sanar nossa curiosidade sobre como era o rosto de Dona Socorro de Zé Lourenço a época, possibilitamos a apreciação de outra fotografia de época da referida senhora.



Imagem 3: Socorro de Zé Lourenço. Imagem 4: Socorro de Zé Lourenço, Maria do Socorro Assunção (professora) e os alunos em frente ao grupo escolar Professor Muribeca.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)

É interessante ainda, observarmos na fotografia que tanto Socorro de Zé Lourenço, quando a professora, associam suas figuras a de mãe, ao estarem do lado dos alunos, em

posição que remete a proteção dos filhos; o que nos possibilita pensar em uma marca de gênero da sociedade baraunense na temporalidade em questão.

Outro ponto interessante a ser pensado no âmbito do grupo escolar, é que havia um tempo reservado para lições de civismo e patriotismo, que iam do decorar a história do Brasil, com seus heróis a cantar o hino nacional. Do final do mês de agosto para o início de setembro, esse tempo era aumentado, porque além da história da Independência, o hino desse acontecimento deveria ser entoado com fervor.

Do lema dos '50 anos em 5' com Juscelino Kubitschek a ditadura militar a partir de 1964, ressaltar o Brasil, sua história, era requisito básico junto as instituições escolares. Nesta perspectiva, os desfiles de 7 de setembro ganharam fôlego novo durante a ditadura, seja por patriotismo ou por obrigação. A necessidade de realização da parada da pátria era essencial. No caso do Distrito de Baraúnas não foi diferente, como podemos observar pelas fotografias que se seguem:



Na primeira fotografia, da esquerda para direita, temos as balizas que abriram o desfile de 7 de setembro em Baraúnas em 1966. (Imagem 5) Na segunda fotografia temos o mesmo desfile, na sua parada de frente ao Grupo Escolar. (Imagem 6)

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), 1966.

Estas fotografias ajudam-nos a pensar o desfile de 7 de setembro como uma prática que tinha respaldo junto a comunidade. Na primeira fotografia observamos duas meninas que abriram o desfile de 1966; sendo elas filhas de Dona Socorro e Zé Lourenço, o evento possibilita percebermos a importância deste casal junto à sociedade baraunense.

Já na segunda fotografia, podemos notar o quanto este desfile era acolhido pela comunidade pela quantidade de pessoas que estavam a observá-lo. Pais, irmãos, tios, avós, amigos aguardavam com expectativas seus pequenos desfilarem e mostrar que aprenderam a lição ao cantar o hino do Brasil e da Independência. Autoridades do Distrito e de Picuí vinham também perambular pelo desfile, de forma a mostrar seu respeito pelo espaço e assim manter seu prestígio.

Como esta segunda imagem, coloca-se pelo ângulo de um fotógrafo que está na frente do Grupo Escolar, mais especificamente do lado esquerdo, possibilita-nos percebermos ao fundo um grupo de casas que compunham uma avenida. Como estas casas localizavam-se próximas à instituição escolar, este espaço passa a ser atrativo para construção de moradias, e atua no povoamento do Distrito.

Meninas à moda das bailarinas colocando-se como balizas, outras usando saias de pregas azul-marinho engomadas com ferro a brasa, camisa e meias brancas e sapatos pretos. No caso dos meninos, a camisa e meias brancas, assim como os sapatos pretos continuavam, contudo, ao invés da saia, a calça curta, e em alguns casos o suspensório. Na imagem abaixo podemos observar a vestimenta de meninos de optaram pelo uso da calça curta e do suspensório, além da camisa de manga comprida. Opção que não era deles, mas de sua mãe que mandava fazer, ou mesmo costurava com seus próprios punhos.



Imagem 7: Meninos posando para foto com suas calças curtas e suspensórios.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)

Outro espaço interessante para desfilarem os modelos construídos para vestir os corpos eram as festas produzidas junto ao terraço. Uma delas estava ligada a Festa da Padroeira. No

caso das festas da padroeira já eram comum à preparação das vestimentas para habitar os momentos sagrados e profanos da festa; porém, algumas moças destacavam-se mais do que outras aos olhos do público, as garçonetes. Observemos a fotografia abaixo, e em seguida a descrição dela feita por Socorro de Zé Lourenço:



Imagem 8: Foto do desfile das garçonetes no terraço na Festa da Padroeira Nossa Senhora do Desterro.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro.

Socorro: Num era a festa da padroeira. Tinha as garçonete, nas festas tinha as garçonete. Quando era pra começar o pavilhão, quando terminava a novena, aí tinha as garçonete, né. Cada qual ia com um padrinho, uma paraninfo como se diz. Se fosse doze garçonete era doze padrim, aí ia desfilando até o pavilhão, quando chegava no pavilhão, no bufê do pavilhão, aí elas de distribuía cada qual ia fazer, atender a, o pessoal né.

Janielly: Eram elas que serviam?

Socorro: Elas que serviam. Tudo fardada, era tudo fardada. [...] Tinha valsa e tudo das garçonetes.

Para a moça, ser garçonete tinha um significado especial, pois ela se apresentava a sociedade enquanto modelo ideal de futura esposa a ser desejada para efetivação de um namoro, e quem sabe um casamento. No caso daquela que estivera apresentando-se durante o desfile, tendo como padrinho ou paraninfo seu namorado, ainda estava presente a finalidade de mostrar para a sociedade a constituição de um casal respeitado.

Além do desfile, a valsa servia de prêmio às moças que eram garçonetes. Para algumas delas, mais do que mostrar-se para os candidatos a futuros namorados, ainda tinham

o gostinho de vitória perante as outras moças, que as observavam, algumas vezes, com olhar de inveja, do querer estar no lugar delas, tomar o lugar do outro.



Imagem 9: Foto do senhor Zé Lourenço dançando a valsa com uma garçonete.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro.

Nessa fotografia³, onde Zé Lourenço dança a valsa com uma garçonete, podemos perceber ao fundo muitas moças e/ou mulheres casadas a observar o momento do bailar das garçonetes. O desejo de trocar de lugar com estas garçonetes ainda podia vir, na medida que, algumas delas tinham como padrinho uma pessoa importante da sociedade, o prestígio de quem estivesse com esta pessoa era ressaltado, ainda podendo ser motivo de comentários naquela noite e por dias que se seguiam. Dançar, ou ter como padrinho, homens considerados influentes na sociedade era ter os olhos desta voltado para si.

Na imagem 8, fotografia onde as garçonetes estão a desfilar com seus padrinhos, podemos ver ao fundo, do lado esquerdo, uma mesa com bebidas. Servir estas bebidas era a responsabilidade dada às garçonetes após o desfile e a valsa. Neste âmbito, é interessante perceber que estas garçonetes não serviam somente aos homens, mas também as mulheres que estivessem junto a estes na mesa bebendo, já que segundo o senhor José Galdino algumas delas “bibia que fazia gosto”.

Ainda sobre as bebidas acompanhemos a seguinte narrativa:



Janielly: Quem vendia bebida, era lá em seu Zé Lourenço?

Severino Passos: Qualquer um vendia, Zé Lourenço era o carro chefe com o armazém, aí vendia o botequim. Vamos supor, o cabra comprava três grades de bebida, isso era vim, conhaque, São João da Barra, Alcatrão, a cerveja, num se falava em cerveja não. Então, vamos supor, ele compra duas caixa de vim, só vendeu uma, Zé Lourenço recebia. Como ainda hoje é assim, o cabra tira um botequim, num vende todo, aí o vendedor recebe a bóia, como se chamava, inda hoje se chama bóia.

Janielly: Aí colocava uma barraca pra vender?

Severino Passos: Era barraca. Uma baquinha, era. Do lado da igreja.

A venda de bebidas citada na narrativa de Severino Passos faz refletirmos que além dos aspectos religiosos, políticos, culturais, as festas realizadas no terraço, e nesse caso a da padroeira, possuíam ainda relações com o econômico. Havia a oportunidade de mais de uma pessoa lucrar com venda de bebidas, fazendo um botequim improvisado para aquela noite. A possibilidade de geração de renda por parte de algumas pessoas da comunidade, que estivessem interessadas, podia ser notada, neste caso, figuras masculinas. Todavia, é importante perceber que a pessoa que tinha um maior lucro, em termos financeiros, no evento era Zé Lourenço, pois ele quem fornecia em atacado os produtos para montagem do botequim, possibilitando a venda a varejo dos interessados neste negócio.

Diante da visualização da imagem 9, fotografia da valsa, observamos que há enfeites no terraço, bandeirolas mais precisamente, o que faz necessário frisar que apesar dos enfeites que hoje são considerados do período junino, a festa da padroeira de Nossa Senhora do Desterro em Baraúna não acontecia no mês de junho, mas em dezembro. Outro ponto que deve ser observado é que o mês oficial de comemoração desta santa é fevereiro. Dia 16 é o dia reservado a esta santa de devoção de Baraúna.

Mas o que levou a comunidade a preparar a festa da padroeira em dezembro? Segundo depoimentos realizados, como no calendário cristão das décadas de 1950 e 1960, os ciclos principais de comemoração durante o ano, para a comunidade católica baraunense, seriam a Semana Santa, as festas juninas e o ciclo natalino. Como na Semana Santa, segundo os preceitos religiosos, não se podia fazer a festa dita profana, e as festas juninas eram uma comemoração a parte, inclusive com a Festa da Colheita (da Rainha), o período natalino, ou dias que o antecediam, foram os escolhidos para abarcar as comemorações da padroeira das Braúnas/Baraúnas. Até porque o período natalino era o momento do ano em que familiares e amigos reuniam-se com maior ênfase, pessoas que moravam em outras localidades vinham visitar seus familiares e aproveitar as festividades da padroeira.

Neste conjunto, convém refletir com Reis (2011, p.8):



[...] A sociedade constrói “representações” da sua presença no mundo e as inculca nos indivíduos, tornando-se neles um *habitus*, estruturando a sua visão de si mesmos, dos outros e da história. Toda sociedade é governada por um “regime de historicidade”, por um discurso sobre o tempo que dá sentido e localização aos seus membros. Estas “ordens do tempo” são criações, narrativas de si de uma sociedade, mas, depois de criadas, tornam-se o próprio real [...]

A Festa de Nossa Senhora do Desterro foi comemorada em dezembro até o ano de 2010, o que possibilita pensar que o hábito construiu uma narrativa do real. Durante décadas, poucos fiéis souberam que o mês oficial de prestar homenagem a santa era fevereiro e não dezembro. O tempo deu sentido a esta construção social, que se rompeu a pouco, causando ainda, confusão nas mentes dos barauenses devotos de Nossa Senhora do Desterro. A mentalidade dos sujeitos, construídos historicamente, não muda ‘de um dia para a noite’.

O terraço anunciado até aqui pelas festas da padroeira que ocorriam em sua estrutura física, foi palco de muitas práticas do espaço. Neste campo de ação, convém pensarmos os conceitos de lugar e espaço em Certeau (2007, p.201-202),

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...]

O terraço, de tal modo, aparecerá como um lugar que adquirirá a partir dos sujeitos que o usam histórias plurais, dependendo também dos eventos e práticas desenroladas nele. Desta forma, deixa de existir como simples lugar do terraço, uma extensão a mais da casa e passa a existir enquanto espaço praticado pelos sujeitos, durante os atos de sociabilidades e/ou entretenimentos.

Outra festa em que havia a confluência do sagrado e do profano nas Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, realizada no terraço, foi a Festa da Colheita com a escolha da rainha, que anos mais tarde se tornaria a Festa do Milho. As ligações com o sagrado advinham da proximidade com os santos das festas juninas, isso porque essa festa acontecia no mês de junho. Sendo realizada no segundo ou no terceiro final de semana do mês de junho, ela era produzida entre o período reservado aos festejos de Santo Antonio e o de São João.

Unindo o útil ao agradável, um período indicado para promoção das sociabilidades e entretenimento nas festas era junto ao chamado ciclo junino. Além de ser um período

culturalmente convidativo a promoção de festas, economicamente também era favorável. O próprio nome dos festejos nas Braúnas/Baraúnas, Festa da Colheita, chama a atenção para o momento economicamente favorável a realização do evento.

No espaço que hoje vem a ser município de Baraúna e nas regiões circunvizinhas a economia girava em torno da agricultura. Geralmente, do final do mês de maio para as primeiras semanas do mês de junho, era a época da colheita; assim, neste período do ano os agricultores tinham condições de reservar parte do lucro chegado com a colheita para promover momentos de lazer. Um dos destinos escolhidos era a Festa da Colheita com a escolha da rainha, seguida pelo arrasta-pé no terraço, perto da fogueira, ao som do fole ou da sanfona.

A imagem que se segue é de uma das Festas da Colheita realizada nas Braúnas, mais especificamente do ano de 1962, a qual é focada em três candidatas a rainhas e seus respectivos padrinhos:



Imagem 10: Foto da Festa da Colheita com desfile de Rainha. Da esquerda para direita: Alaíde de Zé Afonso (irmã de Dona Socorro), Nozinho Varelo, Maria José Macedo (sobrinha de Severino Passos), Zé Lourenço, Nita Campina e Zé Campina.

Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro, 10/06/1962.

Nesta fotografia, podemos observar a vestimenta masculina, a roupa ‘social’ com paletó e gravata, indicada para os acompanhantes das damas que deveriam vestir-se exuberantemente, de maneira a se impor perante a sociedade como candidata propícia a ocupar o posto de rainha da festa. É interessante notar que, a figura feminina central estava vestida como uma noiva, assim como as demais candidatas, com ressalva ao comprimento do vestido das outras duas.



A visualização de coroas nas cabeças das moças, chamadas à época de capelas, possibilita pensar as vestimentas femininas das candidatas a rainhas dentro do modelo virginal de moças dedicadas, virtuosas e adequadas a ser futuras esposas e mães de família. O branco do vestido ressaltaria o modelo de pureza proposto na sociedade para as figuras femininas, para as moças de família. De acordo com Bassanezi (2004, p.610):

As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio [...]

Quando em depoimento a senhora Sebastiana de Azevedo Melo (89 anos), ela nos diz que “nos casamentos as moça, casava tudo virgem, porque naquele tempo, num teve o que tem hoje. O povo era muito direito.” Nos possibilita acolher a citação de Bassanezi, proposta anteriormente, e a pensar que este era o ideal colocado pela sociedade das décadas de 1950 e 1960, nas Braúnas/Baraúnas e nas regiões circunvizinhas. Inclusive, na medida que esta senhora casou em 1941, em fins da década de 1950 e início da década de 1960, ela ressaltava esta proposta social às suas filhas, tanto no dia-a-dia familiar, quanto na habitação do espaço em festa.

Para além das normas de comportamentos propostas pela sociedade e evidenciadas junto à festa, como se dava a escolha da rainha na Festa da Colheita? A senhora Socorro de Zé Lourenço fala que “Eles fazia um partido, vermelho, azul, aí quem tirasse mais dinheiro era a rainha, como político. Político é quem tem mais voto, e a rainha da festa era quem tinha mais dinheiro, que arrecadava mais dinheiro pra igreja.”

Esta narrativa permite pensar que em torno da construção desta festa havia sentidos diferentes; os jogos de interesses e expectativas em relação ao festejo eram múltiplos. Num primeiro momento, podemos destacar o interesse econômico, movido pela inspiração religiosa, arrecadar dinheiro para a igreja. Num segundo instante, o comercial, a venda de bebida durante o baile. E ainda o interesse político, buscar que a rainha a qual a figura masculina represente vença o embate, promovendo assim a consolidação de um maior prestígio perante a sociedade.

Culturalmente, a festa firma-se a cada realização, como período do ano aguardado para as famílias saírem de seu lar para socializarem-se com uma coletividade, promoverem sua representação social, principalmente no caso da figura feminina, que dependendo da

família e/ou da condição financeira, não lhe era permitida estar em determinados lugares de divertimento.

As mulheres casadas em companhia de seus esposos colocavam-se como emblemas da família modelo, que deveria ser prezada pelos mais jovens, os quais intencionavam naquele espaço encontrar moças, ou rapazes para estabelecer relações amorosas, seja para casar ou apenas para dançar e se divertir naquela noite. As moças, que se enfeitavam com tanto esmero, na intenção de encontrar um pretendente a futuro namorado e/ou marido, deveriam, sobretudo, agir com recado e prudência em relação à festa e aos relacionamentos com o sexo oposto.

Intenções e sentidos convidativos, aos olhos de quem buscava habitar o cenário da Festa da Colheita, embora que nem todos conseguissem realizar suas pretensões. No final da escolha da rainha só havia um partido vencedor e uma rainha a ser coroada. É o que podemos evidenciar ao observarmos a fotografia abaixo:



Imagem 11: Foto da coroação da rainha da Festa da Colheita, ao centro a vencedora.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro, 1962.

“Era lá no terraço, o trono era lá, era coroada lá no palco. Era uma cortina, como um cortinado, preparava um palco, num sabe.” (Socorro de Zé Lourenço) Na imagem acima está representada a coroação da rainha da Festa da Colheita de 1962, em um palco preparado especialmente para aquele momento. Os olhares do público participante se voltavam à moça



coroada, e também a quantia arrecadada para a igreja. Depois de realizada a cerimônia de coroação, chega o momento de coroar a noite com muita dança.

Partindo do princípio que os documentos são transformados em fontes através do historiador, dos olhares e das reflexões propostas por ele, propomos o uso das fotografias de álbuns de família, como fontes riquíssimas e imprescindíveis à construção deste trabalho. Historicamente observamos que o historiador olhava com desconfiança a lida com fontes que não fossem oficiais e escritas; ao ser convocado muitas vezes a trabalhar com imagens, e neste caso, com fotografias, as utilizava apenas como modelos ilustrativos.

Diante do posicionamento de utilização das fotografias, percebeu-se que esta fonte visual não pode ser vista como prova de verdade no campo da história, mas como testemunho, que provoca e evoca memórias de um passado, de experiências carregadas de significados que precisam ser questionados. Nas fotografias apresentadas durante este trabalho, colocamos a princípio uma paisagem visual que não é mais, uma vez que aquele momento não pode ser posto novamente como igual, mas que nos ajuda a pensar a construção da sociedade que foi, e ainda a que é hoje.

Nessa concepção, convém observar que uma fotografia pode ainda ter significados diferentes para cada indivíduo, bem como, para cada grupo social e para o próprio pesquisador/historiador. Nesse jogo, em meio à preocupação com a construção de sentidos, a produção de práticas de significação, a fotografia alcançou uma nova posição em relação às fontes, aos documentos históricos. Antes utilizadas apenas como ilustrativas frente ao estudo que se colocava, agora necessita ser problematizada. Desse modo, nos usos das fotografias temos que levar em conta as práticas de significação, que podem estar ligadas a diversos momentos da vida cotidiana, da vida familiar, da vida em sociedade, momentos que estão interligados às experiências do sensível.

Fontes Orais

Anísia Azevedo de Farias - Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

José Galdino dos Santos – Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2012.

Maria Amélia de Araújo Dantas - Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

Otília Mariano da Silva Souza - Entrevista realizada em 9 de Julho de 2011.

Sebastiana de Azevedo Melo – Entrevista realizada em 3 de Setembro de 2011.

Severino Ramos de Araújo (Severino Passos) - Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607-639.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.29-60.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1**. Artes de fazer. 13ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- REIS, José Carlos. O tempo histórico como “Representação cultural”. In: **Revista Sophie: A História Cultural em foco: Cultura, sociedade e sensibilidades**. Recife – PE, n.1, 2011. p.8-29.

Notas

¹ Como a senhora Maria Amélia de Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço) não se lembra da maioria das datas das fotos que nos cedeu para digitalização, mas afirmou que foi do período que morava em Baraúna, consideremos as que estão sem datação entre os anos de 1956 e 1968.

² “[...] Começou como Professor Muribeca. Eu fui atrás dessa história, deu trabalho. Mas houve um professor Muribeca pelo sítio das trincheira, por ali, trincheira não, Manuel de Jacinto que era mais conhecido, aí foi dois alunos daqui estudar lá, parece que era Felipe e João Ferino de Oliveira, era os dois homens mais que tinha, aí foi a razão de dá o nome do grupo de Professor Murimbeca. [...]”

³ Devido a observação de que há nesta fotografia pontos luminosos, como que lâmpadas a iluminar o terraço preparado para este evento, acreditamos que esta festa da padroeira seja entre os anos de 1966 e 1968, já que 66 foi o ano que chegou o motor para iluminar as Braúnas, e 68 foi o ano que Dona Socorro e seu Zé Lourenço foram morar em Picuí, e Dona Socorro afirmou em entrevista que estas fotografias foram da época que ela residia em Baraúna (nas Braúnas).